



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 31/07/2015

BRASIL	2
Falta de oferta provocó una mejora en las cotizaciones	2
Frigoríficos se adecuan a la escasez de oferta y precios elevados	2
Proceso de apertura de EE.UU.: auditoria llegará en la primera quincena de agosto.....	2
Conferencia de Prensa Ministra Abreu.....	2
Brasil intentará acceder a status de libre de fibre aftosa en mayo de 2016.....	2
Gestiones para la reapertura de Arabia Saudita están en la etapa final	3
Optimismo acuerdo entre UE y Mercosur.....	3
Mercados abiertos en 2015 incrementarán exportaciones brasileñas en UE\$ 1400 millones.....	4
Sector de carne bovina reclama mejoras en el acceso a China, Rusia y EE.UU .Prelisting con CHINA estará encaminado antes de noviembre	4
Industria frigorífica podría despedir 440 mil trabajadores a lo largo de 2015	5
Paraná desiste de suspender vacunación contra la fiebre aftosa.....	5
Ampliación de frontera agropecuaria registrada en Brasil, equipara a la superficie de POLONIA.....	6
Proyectan un incremento de la producción de Ganado en feed lots	6
Consumo de carne bovina crecería entre 15% al 22% hacia 2024	7
URUGUAY	7
Precios del ganado gordo en máximos desde 2013	7
Según Inac: la cadena cárnica uruguaya pierde en su proceso US\$ 32 millones	8
"Se digitalizará toda la documentación, empezando por la declaración jurada" Gabriel Osorio, director de Dicose.....	8
EGIPTO despierta expectativas por delanteros y menudencias. Sin resolver problemas con CHINA por exportaciones de grasa	9
PARAGUAY	10
Reinician trámites para exportar carne a EE.UU. Panamá e Irán.....	10
La rentabilidad de la carne satisface al FMI	10
ESTADOS UNIDOS	11
Estimación del rodeo bovino confirma proceso de retención.....	11
Feed lots: más señales de retención.....	11
Ganaderos desaconsejan una guerra comercial con Canada y México por el fallo del COOL	11
Estudio llegaría a la conclusión de que los consumidores utilizan la información del COOL en el proceso de decisión de compra de carnes.....	12
USMEF: acceso a CHINA crucial para incrementar exportaciones estadounidenses de carnes.....	12
AUSTRALIA	14
Precios continuarán firme luego del alcanzar récords	14
Beef Alliance: abogan por acuerdo de libre comercio Transpacífico	14
Acuerdo sanitario con CHINA permite exportación de hasta un millón de cabezas.....	14
Acuerdo de libre comercio con CHINA contiene una cláusula de salvaguardia	15
Taiwán ofrece oportunidades para carnes grassfed	15
VARIOS	15
NUEVA ZELANDIA dejará de utilizar antibióticos en la producción animal hacia 2030	15
EMPRESARIAS	16
JBS: W. Batista proyecta caída en las exportaciones brasileñas de carnes bovinas en 2015.....	16
JBS no cerraría más establecimientos	17
JBS está entre las siete empresas brasileñas que integran la lista de 500 empresas más grandes del mundo	17
McDonald's, Carl's Jr. De EE.UU. se abastecen de carnes australianas	17
Pampa Gaucho surge como resultado de acuerdo entre Marfrig y ONG Alianza Pastizal.....	18



BRASIL

Falta de oferta provocó una mejora en las cotizaciones

Sexta-feira, 31 de julho de 2015 - Das trinta e uma praças cotadas pela Scot Consultoria, houve alta em seis para o boi gordo na quinta-feira (30/7).

Em algumas regiões do país, notou-se uma maior dificuldade na compra de boiadas, o que fez com que as plantas frigoríficas ofertassem valores acima da referência.

Em São Paulo, na região de Araçatuba, houve alta de R\$0,50/@ no preço do boi gordo, cotado em R\$141,50/@, à vista. As programações paulistas atenderam, em média, quatro dias.

As escalas acima da média no estado são de boiadas provenientes de contratos a termo e de parceria.

Na região Sul do Tocantins, o mercado estava fortemente pressionado. Algumas indústrias abriram as compras ofertando até R\$5,00/@ abaixo da referência, porém, sem negócios concretizados nesses patamares.

A demanda fraca por carne fez com que diminuísse a necessidade de compra dos frigoríficos. No mercado atacadista de carne com osso os preços ficaram estáveis.

Frigoríficos se adecuan a la escasez de oferta y precios elevados

Quinta-feira, 30 de julho de 2015 - A produção brasileira de carne bovina está se ajustando ao novo cenário de demanda este ano.

Com o fechamento e paralisação de frigoríficos nos últimos meses, a oferta restrita de animais e com a redução da capacidade estática de abate de boa parte das indústrias, há menos carne disponível no mercado.

Esse ajuste foi o principal responsável pelos recentes aumentos no preço da carne bovina com osso, que não foi ocasionado apenas pela escassez de animais disponíveis para os abates.

Mesmo com as recentes desvalorizações da carne, nos últimos dois meses o produto acumula alta.

O quilo do boi casado passou de R\$8,80 para R\$9,20, valorização de 4,5% no período. Enquanto isso, a arroba do boi gordo passou de R\$148,00 para 141,00, à vista, na região de Barretos-SP, queda de 4,7%.

Assim, a indústria recuperou margens perdidas desde o início do ano.

A movimentação do consumo não aponta para melhora em curto e médio prazos, mas os frigoríficos devem continuar abatendo menor volume de animais como estratégia para controlar os estoques e regular os preços da carne.

Proceso de apertura de EE.UU.: auditoria llegará en la primera quincena de agosto

Fonte: Estadão Conteúdo Terça, 28 de julho de 2015 Missão virá para o Brasil na primeira quinzena de agosto. Visita é uma das últimas etapas para que exportação seja liberada aos EUA

O secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Décio Coutinho, afirmou que o Brasil receberá, na primeira quinzena de agosto, uma missão dos Estados Unidos para vistoriar os frigoríficos brasileiros.

Essa visita é uma das últimas etapas para que o país comece a exportar carne bovina in natura para os norte-americanos, um acordo que foi fechado durante a visita da presidente Dilma Rousseff aos Estados Unidos.

Conferencia de Prensa Ministra Abreu

Brasil intentará acceder a status de libre de fibre aftosa en mayo de 2016

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.28/07/15 - O reconhecimento do status livre de febre aftosa pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), até maio de 2016, é um dos objetivos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). O assunto foi abordado durante a coletiva de imprensa da ministra da Agricultura, Kátia Abreu e secretários do Mapa, na manhã desta segunda-feira (27).

“Estamos trabalhando para que possamos levar o pedido de reconhecimento internacional à OIE até dezembro deste ano”, disse o secretário de Defesa Agropecuária, Décio Coutinho. A intenção é que até dezembro de 2015 o Brasil seja reconhecido nacionalmente como livre da doença.

Com relação à peste suína clássica, os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul foram reconhecidos pela OIE como livres da doença, em maio deste ano.

Sobre a gripe aviária, o Mapa está trabalhando para a compartimentalização regional. “O Brasil é o primeiro país que propôs esse processo, o que garantirá uma melhor qualidade do rebanho avícola”, disse o secretário.

Ele falou ainda sobre o Plano Nacional de Vigilância Sanitária em Fronteiras, que visa a aperfeiçoar a segurança na região das fronteiras e evitar que pragas e doenças cheguem às plantações e rebanhos do



Brasil. Também citou os eixos do Plano Nacional de Defesa Agropecuária: modernização e desburocratização, marco regulatório, conhecimento e suporte estratégico, sustentabilidade econômica, programas e projetos técnicos e avaliação e monitoramento.

Gestiones para la reapertura de Arabia Saudita están en la etapa final

Fonte: Reuters Terça, 28 de julho de 2015 Segundo a ministra Kátia Abreu, uma missão do ministério irá para a Arábia Saudita em agosto e para a Ásia em setembro

O Brasil está na fase final do processo de abertura do mercado da Arábia Saudita para a carne bovina in natura e trabalha para abrir também o mercado canadense para o mesmo tipo de produto, informaram nesta segunda-feira executivos do Ministério da Agricultura.

Segundo a ministra Kátia Abreu, uma missão do ministério irá para a Arábia Saudita em agosto e para a Ásia em setembro.

Optimismo acuerdo entre UE y Mercosur

SAN PABLO PABLO ANTÚNEZ 29 jul 2015 La ministra de Agricultura de Brasil, Katia Abreu, dijo ayer a El País que "es muy optimista en cuanto a una rápida concreción del acuerdo entre el Mercosur y la Unión Europea".

Es más, aseguró estar convencida de que "el Mercosur va en el camino correcto. Esta vez puede ser que sólo Europa cree problemas, porque los países de la región estamos con nuestra oferta prácticamente cerrada".

Abreu recordó que en la reciente visita de cancilleres del bloque a Bruselas, el Mercosur reiteró la necesidad de concretar el acuerdo comercial que se negocia hace ya 20 años.

Según la visión de esta especialista de agricultura que hoy comanda el Ministerio de Agricultura, Pecuaria y Abastecimiento de Brasil, "el intercambio de ofertas se dará sobre finales de octubre o comienzo de noviembre. Ya no está faltando más nada. Desde el punto de vista técnico estamos prontos, desde el punto de vista político no sé".

La ministra fue una de los conferencistas en la apertura del Salón Internacional de Avicultura y Suinicultura que se viene desarrollando en San Pablo, buscando mostrar el potencial de Brasil como productor y exportador de proteínas al mundo, en este caso a través de las carnes blandas.

Brasil es el tercer exportador mundial de pollos y el cuarto exportador mundial en cerdo; en el primero de los casos exporta a 170 mercados y en el restante a 80 países.

Sanidad.

Ayer la Asociación Brasileña de Proteína Animal (ABP) —la organizadora del encuentro— le pidió a la ministra Abreu a través de su presidente, Francisco Turra, que ayude a las empresas a mantener la sanidad: Brasil está libre de gripe aviar y esa es la gran bandera del sector, que produce a través de compartimentos de alta bioseguridad, con rastreabilidad de producto desde la granja al plato.

El pedido llega en un momento clave para el agro negocio brasileño que está batiendo récord este año en la exportación de proteínas animales.

Según la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE), hoy 35 países en el mundo tuvieron casos de gripe aviar. En Estados Unidos, ya sea por la enfermedad o por sacrificio sanitario, se mataron 50 millones de aves debido a la gripe aviar.

Brasil se enorgullece de poder llegar mercados tan selectos como Japón o China, tanto con huevos como con carne aviar y los empresarios atribuyen esos logros a las fuertes inversiones, la buena sanidad y quieren usar eso para conquistar más mercados.

En el marco del seminario, la ministra Abreu recogió de inmediato el guante y respondió a los empresarios avícolas y del segmento del cerdo con argumentos contundentes que demuestran que el gobierno central está en su misma sintonía.

La ministra Abreu ratificó que en las más de 30 crisis que vivió Brasil se pudo salir adelante en base al agro negocio. "La sanidad y la producción de alimentos son los puntos más importantes para el Ministerio", dijo su titular, porque "de nada sirve tener mercados si no se defiende la sanidad de la cadena productiva".

La ministra dijo que en seis meses pudo ahorrar 70 millones de reales que serán volcados a la sanidad animal.

Otros logros.

Katia Abreu no sólo se refirió al segmento del pollo y el cerdo. También comentó algunos de sus logros.

"Después de 16 años Estados Unidos abrió sus puertas a la carne bovina brasileña, se abrió China, Myanmar y Sudáfrica para carne aviar, Rusia para los lácteos brasileños".

Como frutilla de la torta anunció que en el segundo semestre de 2015 "Brasil estará exportando leche a China".

En carne aviar, dijo que los nuevos mercados elevarán otro 8% la exportación.



Ahora el gobierno de Brasil busca lograr un acuerdo fitosanitario con la Unión Europea para derrumbar el embargo a los embarques de cerdos que impone el bloque.

Abreu dijo además que en 2016 Brasil le presentará a la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE) toda la documentación para que el organismo libere a 14 estados de la peste porcina clásica, lo que le abrirá más mercados a la suinocultura brasileña.

Mercados abiertos en 2015 incrementarán exportaciones brasileñas en UE\$ 1400 millones

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 28/07/15 -Os principais mercados abertos no primeiro semestre de 2015 têm potencial de incrementar em US\$ 1,4 bilhão por ano as exportações brasileiras, de acordo com informação divulgada nesta segunda-feira (27) pela secretária de Relações Internacionais do Agronegócio, Tatiana Palermo, durante coletiva de imprensa na sede do Mapa.

No primeiro semestre deste ano, mercados importantes como Estados Unidos, Rússia, Argentina, África do Sul, Japão e Myanmar retiraram embargos ou começaram a importar produtos brasileiros, como lácteos, carnes bovina, suína e de frango, tripas e farinha de carne. O potencial de US\$ 1,4 bilhão que esses mercados representam o equivale a 8,4% das exportações setoriais totais de 2014, que foi de US\$ 16,42 bilhões.

“É importante destacar que esse valor é uma projeção do potencial que esses mercados representam. Duas semanas após a abertura do mercado da China, por exemplo, já embarcamos duas mil toneladas de carne para aquele país”, disse a secretária.

Tatiana Palermo assinalou que o Mapa trabalha para ampliar ainda mais as exportações de produtos agropecuários no segundo semestre, com foco na Arábia Saudita, Coreia do Sul, Japão, países do Golfo Pérsico, Rússia e China.

Atualmente, estão em curso negociação com 22 mercados que ainda não são acessados pelo produtos brasileiros e que, juntos, apresentam potencial de US\$ 82 bilhões em exportações ao ano de itens como carnes, frutas, lácteos, suco de laranja, ração, material genético, açúcar e café.

A ministra Kátia Abreu destacou as negociações para o acordo de livre comércio entre Mercosul e União Europeia. O Mapa, disse, está “fazendo a sua parte” para viabilizar a parceria, considerada estratégica para o agronegócio brasileiro.

O Mapa apresentará sua oferta para um acordo sanitário e fitossanitário ao bloco europeu “o mais rapidamente possível”.

Um acordo de livre comércio entre os dois blocos representaria aumento de 20% das exportações brasileiras, o que equivale a montante de US\$ 9,9 bilhões, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas. O setor que mais se beneficiaria com a medida é o de carnes, que poderia incrementar suas vendas em 15%.

Kátia Abreu ponderou que as negociações bilaterais geram bons resultados, mas são limitadas, por isso a necessidade de amplas negociações de preferências tarifárias e de acordos sanitários e fitossanitários.

Sector de carne bovina reclama mejoras en el acceso a China, Rusia y EE.UU .Prelisting con CHINA estará encaminado antes de noviembre

27 de julho de 2015 - O Ministério da Agricultura vai concluir até novembro deste ano o processo de prelisting - sistema pelo qual o país exportador, no caso o Brasil, apresenta uma lista pré-autorizada de estabelecimentos que atendem às exigências sanitárias do país ou bloco importador.

O anúncio foi feito nesta sexta-feira, 24, pela secretária de Relações Internacionais do Agronegócio do ministério, Tatiana Palermo, durante reunião com representantes da indústria frigorífica, entre eles a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo).

"Esse sistema será implementado até novembro para todos os produtos de origem animal. É baseado na confiança mútua em relação ao controle e à certificação sanitárias", enfatizou a secretária, conforme nota distribuída pelo ministério.

O prelisting também é objeto de tratativas com a China. "A última missão de inspeção de estabelecimentos exportadores de carnes foi realizada pela China por amostragem. É um grande avanço em direção ao sistema de prelisting", observou Tatiana.

Nesse sentido, ela pediu a contribuição da Abrafrigo para assegurar o cumprimento das exigências da União Europeia e da Rússia: "É importante apresentarmos garantias de cumprimento das exigências. Contamos com o setor privado."

A Abrafrigo, representada pelo seu presidente, Péricles Salazar, pediu a intensificação de negociações para habilitação de novos estabelecimentos exportadores e também a viabilização das exportações brasileiras de miúdos, tripas e despojos.

Em relação aos Estados Unidos, a equipe do ministério detalhou o andamento da última etapa técnica que antecede a efetivação das exportações. "Estamos concluindo o texto do certificado sanitário internacional. Acertados os requisitos, as empresas aptas a cumpri-los poderão solicitar sua habilitação. Devemos finalizar tudo até início de setembro", ponderou a secretária.



Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 27/07/15 A secretária de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Tatiana Palermo, acompanhada da equipe técnica do ministério, reuniu-se nesta sexta-feira (24) com o presidente da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), Péricles Salazar, e representantes das empresas associadas, para estreitar a parceria com o setor privado, buscando a abertura de mercados, habilitação de novos estabelecimentos e ampliação das exportações.

Na abertura da reunião, a secretária destacou o trabalho que o ministério vem realizando para desburocratizar os processos. Em seguida, ela fez um balanço sobre negociações concluídas no primeiro semestre deste ano para a abertura de mercados. “O setor de carnes foi um dos principais beneficiados com essa abertura, com destaque para o mercado russo”, disse.

A Rússia se tornou o principal destino das exportações brasileiras de carne bovina. No primeiro semestre deste ano, o Brasil consolidou uma posição de liderança no comércio russo de carnes, sendo responsável por 57% das compras de carne bovina. Nas demais carnes, o percentual é de 82%, para a carne suína, e 34%, para a carne de aves.

Ainda em relação à Rússia, o ministério pretende concluir o processo de prelisting, sistema pelo qual o país exportador apresenta uma lista pré-autorizada de estabelecimentos que atendem às exigências sanitárias do país ou bloco importador.

“Esse sistema será implementado, até novembro deste ano, para todos os produtos de origem animal. É baseado na confiança mútua em relação ao controle e certificação sanitárias”, enfatizou a secretária. Nesse sentido, ela pediu a contribuição da associação para assegurar o cumprimento das exigências da União Econômica Euroasiática e da Rússia: “É importante apresentarmos garantias de cumprimento das exigências. Contamos com o setor privado.”

O prelisting também é objeto de tratativas com a China. “A última missão de inspeção de estabelecimentos exportadores de carnes foi realizada pela China por amostragem. É um grande avanço em direção ao sistema de prelisting”, observou a secretária.

A Abrafrigo pediu a intensificação de negociações para habilitação de novos estabelecimentos exportadores e, também, a viabilização das exportações brasileiras de miúdos, tripas e despojos.

Em relação aos Estados Unidos, a equipe do Mapa detalhou o andamento da última etapa técnica que antecede a efetivação das exportações. “Estamos concluindo o texto do certificado sanitário internacional. Acertados os requisitos, as empresas aptas a cumpri-los poderão solicitar sua habilitação. Devemos finalizar tudo até início de setembro”, ponderou a secretária.

Industria frigorífica podría despedir 440 mil trabajadores a lo largo de 2015

Fonte: Estadão Conteúdo, adaptada pela Equipe BeefPoint. 28/07/15 - Demissões em frigoríficos podem atingir 440 mil trabalhadores no País neste ano, segundo a Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação e Afins (CNTA Afins). Em nota, divulgada nesta segunda, (27/7), a entidade cobra um posicionamento do governo federal sobre a situação trabalhista no setor. A CNTA Afins afirma que, só em 2015, foram fechadas pelo menos 44 unidades.

O presidente da CNTA Afins, Artur Bueno de Camargo, diz que grandes grupos do setor, geralmente beneficiados com empréstimos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), são os que mais têm demitido trabalhadores e fechado unidades. Bueno pede fiscalização e cobrança da contrapartida social às empresas beneficiadas com os empréstimos públicos.

Paraná desiste de suspender vacunación contra la fiebre aftosa

31 de julho de 2015 Campanha de novembro está garantida, disse o presidente da Adapar, Inácio Kroetz. Sebastião Guedes,

O Paraná adiou os planos de retirar a vacinação contra a febre aftosa e irá manter a vacinação contra a doença prevista para novembro. O Estado tinha até esta sexta-feira, 31, para decidir se promoveria ou não a segunda etapa da campanha deste ano.

“O ambiente interno e externo nos recomendam a vacinar pelo menos neste ano. Mas seguimos com o trabalho para que o Estado alcance, em um prazo não muito longo, o status de livre da doença sem vacinação”, disse o presidente da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Inácio Kroetz. Ele explica que as obras previstas para as barreiras nas fronteiras não ficaram prontas no prazo esperado.

Além disso, Kroetz enumera entre as razões para manter a programação a realização da Reunião Extraordinária da Comissão Sul-Americana para a Luta contra a Febre Aftosa (Cosalfa) (Cosalfa) e do Encontro Nacional de Defesa Sanitária Animal (Endesa) em outubro, em Cuiabá, (MT), que poderá trazer novas medidas a serem observadas antes que o estado decida por parar de vacinar.

Em reunião realizada na última segunda-feira, 27, representantes de 35 entidades solicitaram ao governador Beto Richa a manutenção da vacinação. Na ocasião, o secretário de Estado da Agricultura,



Norberto Ortigara, teria se comprometido a manter as campanhas de novembro e de maio do ano que vem. Kroetz informou, no entanto, que a etapa de maio ainda não está confirmada.

“Nós defendemos que o avanço de status sanitário no Brasil não ocorra por Estado e sim em bloco”, salientou o presidente da Sociedade Rural do Paraná, Moacir Sgarioni, posicionamento que está em linha com o do Ministério da Agricultura. Segundo ele, o status de livre sem vacinação e o consequente isolamento do Estado, comprometeriam o melhoramento genético do rebanho paranaense. Além disso, o Estado não teria excedente de produção para atender aos potenciais mercados que se abririam com o novo status.

Ampliación de frontera agropecuaria registrada en Brasil, equipara a la superficie de POLONIA

24 July 2015 BRAZIL – Agricultural land expanded by 33 million hectares between 1990 and 2010 in Brazil and now the challenge is to drive for productivity and sustainability. However, this comes at a time when much of the world is going through economic strife, says a new report from the Organisation for Economic Cooperation and Development (OECD). Major economies of the world, once booming and supporting Brazilian farm expansion, have slowed and farmers elsewhere are offering greater competition.

With external demand waning, Brazil's farmers must innovate and compete on costs, while addressing key sustainability issues the world's farmers are all tackling.

The report's message is that Brazil has spent recent years making more land, but now has to make more from the land it farms. In this summer's report Innovation, Agricultural Productivity and Sustainability in Brazil, the OECD said air and water pollution issues will be more pressing for agricultural policy, adding to well-known deforestation considerations.

To progress, the report suggests Brazil orients policy to productivity and sustainability, listing research organisation EMBRAPA (Brazilian Corporation for Agricultural Research) as a “major contributor” to research in tropical agriculture. EMBRAPA's achievements range from pest and disease control, adapting plant varieties to low latitude and high temperature environments and correcting low fertility, acidic soils. Farmland Expansion Expansion of pasture land expansion in the 1990s and arable land since 2000 has pressured the Amazonian and cerrado savannah, which combined contain the largest portion of the world's terrestrial biodiversity.

Brazilian Farmland Expansion Image courtesy of the OECD Brazilian Soybean acres increased by 50 per cent between 2001 and the end of the 2003/4 season, “soaring” by 9 million hectares.

The report puts the growth down to new land management technologies and policy stimulus. In response to deforestation, governments tightened land-use rules and came down harder on illegal activity, although calculations show half a million square kilometres of undeveloped cerrado land with agricultural potential remain.

Yields and Mechanisation

The OECD report says that primary agriculture features in a bigger way in Brazil than in most advanced economies, contributing five per cent to national gross domestic product (GDP).

Agriculture employs 17 per cent of the national workforce, although the contribution to GDP is lower than in countries like India and China.

Recent Brazilian agricultural growth, the report says, has been driven largely by productivity increases, which helped the country to be the world's seventh largest economy in 2012.

Fertiliser and chemical use is intensifying, although a 2006 farm census showed almost 70 per cent of farms used no fertiliser at all during the year. Main crop yields have doubled or trebled since the 1970s, with strong yield improvements in the 1990s.

During this time tractors on farms trebled in number and doubled in value. The report proposes a blend of economic stability and trust in institutions, market incentives for investment, improved services and targeted incentives to provide productivity and sustainability.

This is to include improved infrastructure, education, a more skilled labour force and innovation, which should combine, the report says, with a more business friendly tax and regulations system.

Proyectan un incremento de la producción de Ganado en feed lots

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 30/07/15 Para continuar atendendo à crescente demanda mundial por proteínas, a produção de carne ainda precisa buscar ganhos de produtividade e previsibilidade, dizem especialistas do setor. E a chave da transformação deve passar por uma diminuição da imagem que temos do boi no campo, comendo exclusivamente capim. O futuro aponta para o crescimento do confinamento.

Em relatório, o Rabobank ressalta que a disputa de área de pecuária com a agricultura deve estimular o crescimento do confinamento no país.

No último ano, 10% do rebanho brasileiro passou pelo confinamento. Segundo a Assocon (entidade que reúne os confinadores), o percentual deve saltar para 20% em dez anos. No Estados Unidos, quase 100% dos animais vão para o confinamento.



“O confinamento auxilia no ganho de produtividade e limita o desmatamento, mas a produção a pasto vai ser sempre fundamental para o país”, diz Bruno Andrade, gerente executivo da Assocon.

O diretor técnico da consultoria Informa Economics FNP, José Vicente Ferraz, lembra que o confinamento teve impulso no país para manejo de pastagens. “O Brasil tem vantagens competitivas na engorda a pasto”, observa.

No inverno, o frio e a seca diminuem o capim, e o produtor tinha duas alternativas: armazenar alimentos ou vender o animal mesmo antes de ele estar no melhor peso. Com a alternativa do confinamento terceirizado, o pecuarista tira uma parte do rebanho do pasto e coloca no cocho para aliviar a pastagem. Porém, o custo elevado limita expansão. Segundo a Assocon, um animal criado a pasto custa entre R\$ 45 e R\$ 50 por mês, enquanto o boi que vai para o confinamento demanda de R\$ 150 a R\$ 160 mensais, na região de Goiás.

Para Andrade, o ganho no confinamento está na aproximação da pecuária com uma atividade “industrial”, com mais controle do processo de produção, o que deixa o negócio mais previsível.

Ferraz ressalta, entretanto, que um dos principais gargalos da pecuária brasileira hoje é a produção de novos animais. Produtores foram concentrando esforços nas demais fases de produção, mais rentáveis, e o reflexo é uma diminuição no número de animais para reposição.

“Concordo que há uma necessidade de intensificar a pecuária, e o confinamento é uma das alternativas. Mas mesmo em outras partes do mundo não se faz a cria em confinamento, e essa atividade está se tornando cada vez mais um gargalo” reforça.

Consumo de carne bovina crescerá entre 15% al 22% hacia 2024

30/07/15 - por Equipe BeefPoint O consumo de carne bovina no país pode crescer de 15% a 22% até 2024, passando das 7,885 mil toneladas que foram registradas em 2013 e chegando a um patamar entre 9,085 mil toneladas e 9,617 toneladas.

A projeção foi apresentada na manhã desta quarta-feira (29), pelo pelo gerente do setor de Inteligência de Mercado da Minerva Foods, José Américo Basso Amaral, em palestra sobre o cenário para o setor no próximo triênio, dentro da programação do Circuito Expocorte 2015, em Campo Grande.

Amaral disse que apesar do cenário de crise econômica no país, das dificuldades enfrentadas pelo setor frigorífico e do aumento de custos de produção da bovinocultura de corte, que a pecuária ainda é uma ilha de potencialidade no agronegócio brasileiro.

“A palavra desde momento é resiliência. Apesar de todo o cenário de crise, o preço do boi gordo acumula uma alta de aproximadamente 20% em 2015 frente a 2014. O produtor neste momento tem se manter eficiente, tem que continuar investindo em tecnologia e continuar acreditando no seu negócio”, ressaltou.

URUGUAY

Precios del ganado gordo en máximos desde 2013

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Julio 31, 2015 La última semana la cotización de los novillos de punta alcanzó US\$ 3,80 el kilo, en tanto que por las vacas buenas se paga US\$ 3,40

Los valores del ganado gordo se mantienen firmes y acumulan otra semana con fuertes subas en un mercado caracterizado por una demanda pujante. La industria frigorífica compite por la escasa materia prima bien terminada en un momento de plena posafra para cumplir con negocios acordados, básicamente con la faena para equipos kosher israelíes, que operarán hasta los primeros días de setiembre.

Recién se podría esperar una oferta sostenida de ganado de verdeo para dentro de dos meses por lo menos, en caso de que se concreten las lluvias pronosticadas y permitan emparejar la situación de dichas pasturas.

Los precios se mueven al alza pero dentro de cada categoría puede haber variaciones de entre 10 y 15 centavos en función de su terminación. El novillo se negocia entre US\$ 3,70 y US\$ 3,80 y los negocios para cuota y los generales o a pasto se han emparejado. En tanto, lotes de vacas pesadas pueden alcanzar los US\$ 3,40. Las entradas a planta de los ganados son cortas y promedian una semana. Para ovinos se manejan referencias entre US\$ 3,70 y US\$ 3,80 para corderos. De todas maneras, los negocios que se concretan son puntuales ya que la oferta es muy reducida.

Las subas en las referencias de la Asociación de Consignatarios de Ganado fueron fuertes. ACG subió once centavos su referencia para el novillo gordo a US\$ 3,68 el kilo a la carne y, a la vaca, ocho centavos hasta US\$ 3,30 el kilo. Si se los compara con los niveles alcanzados en igual momento de 2014, se abren brechas de 14 y 10 centavos, respectivamente.

El incremento de los precios en el mercado del gordo se conjuga con una fuerte alza del dólar que lleva a promediar al interbancario arriba de \$ 28 desde la semana pasada. Incluso el viernes 24 la cotización marcó un máximo desde setiembre de 2004. Los precios actuales son los mayores desde el primer



semestre de 2013 en dólares y los más altos de la historia en pesos. Por primera vez un kilo de novillo vale más de \$ 50 y uno de carcasa de novillo más de \$ 100.

La faena volvió a estar por encima de las 40 mil reses. En la semana que terminó el 25 de julio la faena totalizó 42.327 cabezas y se ubicó 7% arriba del de la semana previa. En tanto determinó una suba interanual de 36%. La faena de novillos fue la mayor desde fines de mayo al totalizar 21.028 animales, 2% mayor a la de la semana anterior. La faena de vacas creció 14% hasta 20.425 cabezas.

Los precios INAC también se movieron al alza. En la semana que cerró el 25 de julio el índice para el kilo de novillo aumentó de US\$ 3,624 a US\$ 3,718. La variación interanual se ubicó en -4,8%. El kilo de vaca INAC pasó de US\$ 3,156/kg a US\$ 3,261 con lo que pasó a superar a la referencia alcanzada en la misma semana de 2014 en 0,5%. El índice INAC para el kilo de cordero también subió y lo hizo desde US\$ 3,695 por kilo a US\$ 3,904. Pero aún se encuentra 5,2% debajo del nivel logrado un año atrás.

El ingreso promedio de exportación de la carne vacuna se vio incrementado por cuarta semana consecutiva. Pasó de US\$ 3.744 a US\$ 3.887 y el promedio de las últimas cuatro semanas móviles alcanzó los US\$ 3.809/ton. De todas maneras el nivel es 5,2% menor al logrado el año pasado al mismo momento. En carne ovina el ingreso promedio de la semana tuvo una leve caída desde US\$ 5.252 a US\$ 5.245, pero el promedio de cuatro semanas aumentó a US\$ 4.695 y la brecha interanual se fijó en 2%.

Según Inac: la cadena cárnica uruguaya pierde en su proceso US\$ 32 millones

29 julio, 2015 Fuente: El País Se realizó la tercera etapa de la auditoria cárnica en el país por parte de Inac. Las pérdidas alcanzaron los 32 millones de dólares.

Se realizó la tercera etapa de la auditoria cárnica en el país por parte de Inac. Las pérdidas alcanzaron los 32 millones de dólares.

Ricardo Robaina, director de control y desarrollo de calidad de Inac, dijo a El País que “en esta auditoria no se cuantificaron todos los efectos posibles, sino que se valorizaron, dentro de lo detectado, los de mayor importancia”, sumando, “lo que se dejó de ganar anduvo entre los 30 y 32 millones de dólares”.

Las auditorias se realizan cada cinco años y esta conforma la tercera; las anteriores se desarrollaron en los años 2002/03 y 2007/08.

Según Robaina, “los hematomas, cortes oscuros y el pH” fueron los problemas que más se detectaron.

“El pH es un tema importante, porque los mercados piden determinados niveles y si uno supera ese nivel no se puede remitir el corte enfriado, hay que congelarlo”, apuntó Robaina. Agregando que “la diferencia de precios es muy significativa entre cortes congelados y enfriados”.

En comparación a las anteriores auditorias, Robaina explicó que “los defectos se repitieron, algunos disminuyeron y otros aumentaron”. Entre los que descendieron se encuentra el decomiso de hígado, que pasó del 50% al 33%. Mientras que los hematomas sí presentaron aumentos.

Finalmente, Robaina aseguró que “quedó en el ambiente, en función de los números que surgieron y la cuantificación económica que se hizo, que hay que trabajar en el bienestar animal”, agregando, “los mercados lo están exigiendo cada vez más, y respetando el bienestar animal uno ya está trabajando sobre los defectos”.

"Se digitalizará toda la documentación, empezando por la declaración jurada" Gabriel Osorio, director de DicoSe

Julio 26, 2015 El director de DicoSe consideró que la lectura de animales en el campo podrá sustituir la declaración jurada de vacunos

¿Cómo vienen trabajando en la declaración jurada de este año?

Como todos los años. Al principio es lento pero en las dos últimas semanas se complica, porque se nos acumula todo el trabajo y tenemos que convocar recursos humanos del interior para atender al público. El plazo es hasta el viernes 31 de julio.

¿El método es el mismo de años anteriores?

La única diferencia es que este año no se presentan declaraciones juradas de agua. Sí la declaración jurada de hidatidosis, con las planillas o formularios complementarios que tenga el productor, como lechería, caballos y demás.

¿Qué expectativas tienen sobre los datos de este año?

El proceso no se puede acelerar mucho más. Consideramos que los primeros datos estarán en octubre. Hacemos una estimación y después vamos ajustándola. Es un trabajo estadístico. Con la pequeña muestra del principio el margen de error es alto, luego baja a medida que los datos ingresan. Cuando llegamos a 10 u 11 millones de hectáreas evaluadas (de un total de 16 millones) consideramos que no varían.

¿Piensan utilizar alguna tecnología para agilizar el proceso?

Sí, habrá cambios grandes. Se viene una digitalización de toda la documentación, empezando por la declaración jurada. Los productores de punta, que tienen acceso a la información y a las tecnologías, seguramente serán los primeros que ingresarán los datos a través de un formato web o algo similar. Eso



irá de la mano de la cantidad de claves que haya en el sistema. Tenemos 60 mil productores y los que tienen clave no llegan a una tercera parte, o sea que la aceleración del proceso no será tan alta. Aunque sí es probable que sea alto en promedio, porque esos productores son los que explotan un área mayor. Pero tenemos que apuntar a universalizar el sistema y lo primero que hay que hacer es una buena campaña para que el productor tenga su clave para acceder.

¿Es la misma clave del Sistema Nacional de Información Ganadera (SNIG)?

Sí, es la misma del SNIG y del Instituto Nacional de Carnes (INAC). Con esa clave el productor puede ver los rendimientos de sus ganados en el frigorífico.

¿Tienen un plazo para implementar esto?

No. Pero vale la pena hacer una aclaración: Dicoce no es el papel y el SNIG lo electrónico. El sistema está basado en papel y tenemos que utilizar las tecnologías disponibles. Después de las declaraciones juradas pueden venir las guías y un montón de otros documentos que se pueden digitalizar para eliminar el papel. Además está el expediente electrónico que maneja el Estado que también servirá para eliminar papeles. El productor que tenga clave será el que esté más cerca de trabajar en la digitalización de la declaración jurada. Creo que para el año que viene ya tendremos otro formato.

¿Prevén un período de convivencia entre la declaración jurada en papel y la electrónica?

Sí, porque a muchos productores les costará pasarse al nuevo formato, pero llegará el día en que habrá que hacerlo totalmente electrónico. De todos modos en ese período de convivencia se nos facilitará mucho el trabajo. El ingreso de cada animal al sistema de trazabilidad individual era a través de un documento papel, similar al de la declaración jurada, que se escaneaba y tenía cantidad de errores que exigían que hubiera seres humanos para corregirlos. Pero actualmente ese ingreso ya está disponible de forma electrónica. El productor puede por ejemplo ingresar sus terneros al sistema, caravanearlos y venderlos a los 10 minutos sin tener ninguna observación. En tanto en el formato anterior había que llenar el documento en papel, presentarlo y procesarlo, y todo eso tarda una semana.

¿Llegará el día en que la trazabilidad deje sin efecto la declaración jurada?

Se puede afirmar que la lectura de animales en el campo podrá sustituir la declaración jurada de vacunos, pero se deberán hacer varias correcciones como la clasificación en categorías. Actualmente se leen las caravanas y tenemos la información de la cantidad de hembras y machos, y de qué edades, pero hay categorías que no se detectan, como los toros y novillos. Pero hay que considerar además que hay ovinos, equinos, suinos y caprinos que no tienen trazabilidad.

¿Cómo trabajan Dicoce y SNIG?

El SNIG es un sistema y Dicoce una unidad administrativa, tienen potestades y ámbitos diferentes. Tenemos inspectores y a nivel de campo el SNIG puede colaborar con la inspección, tanto de sanidad como de Dicoce. Los técnicos de campo de Dicoce hacen inspecciones y los del SNIG hacen correcciones y colaboran con los productores.

¿Qué aportes puede hacer Dicoce para el combate al contrabando y al abigeato?

Tenemos coordinaciones que funcionan mejor o peor dependiendo de la zona. Trabajamos activamente con las Brigadas Especiales para la Prevención y Represión del Abigeato (Bepra) y también con los juzgados, aportando información sobre la propiedad de animales o irregularidades a nivel de establecimientos o productores.

Y con Sanidad Animal.

Sí. Esa es una de las mayores actividades que tiene Dicoce, la colaboración y coordinación en el control sanitario con los Servicios Ganaderos del MGAP. Hacemos muchas más inspecciones por problemas sanitarios que por abigeato, por ejemplo, utilizando herramientas informáticas como la trazabilidad.

¿Cómo está Dicoce a nivel de recursos humanos y técnicos?

Bastante complicada, por eso coordinamos tareas con otras reparticiones. Tendremos que resolver la escasez de recursos humanos para algunas de las reparticiones. La plantilla está avejentada, se jubila y hay que reponerla. Tenemos pocos ingresos y hay que hacerlos rendir.

EGIPTO despierta expectativas por delanteros y menudencias. Sin resolver problemas con CHINA por exportaciones de grasa

El país 29/07/15 Una misión de Egipto llegó a mediados de julio para auditar 18 plantas frigoríficas uruguayas en busca de reanudar los negocios.

Franciso Muzio, director de Servicios Ganaderos del MGAP, comentó en Valor Agregado por radio Carve que la inspección "se ha desarrollado de acuerdo a lo planificado", agregando, "lo que se busca es carne bovina y ovina, y sería un mercado interesante para cortes delanteros y menudencias".

Egipto fue un mercado muy importante para Uruguay a comienzos del año 2000 y hoy vuelve a mostrar interés por nuestra carne. Muzio afirmó que Egipto "puede ser un mercado complementario muy interesante".

CHINA.



Los problemas de calidad detectados en las exportaciones de grasa vacuna hacia el mercado chino todavía sigue siendo un tema a resolver.

Muzio explicó que ya se envió un informe con los resultados obtenidos por las comisiones técnicas y “se solicitó a China el levantamiento de la suspensión de las plantas”, sin embargo, “no hemos tenido una respuesta, la propuesta era que vinieran a auditar las cuatro plantas que están con el problema”.

Asimismo, Muzio aclaró que “ayer se terminó un informe de análisis de riesgo que era otra solicitud de China”. A causa de esto, “tenemos pendiente una reunión de comisión mixta que está previsto que sea el segundo semestre en Uruguay”, apuntó.

PARAGUAY

Reinician trámites para exportar carne a EE.UU. Panamá e Irán

25 de Julio de 2015 El Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) reinició los trámites con miras a exportar carne fresca a los Estados Unidos, según informó ayer el titular del ente, Dr. Hugo Idoyaga. “Estamos contestando el extenso cuestionario que nos llegó esta semana por parte de las autoridades de los EE.UU., sobre la auditoría que recibimos el año pasado, que es el reinicio de los trámites para exportar carne fresca a dicho mercado”, señaló Idoyaga.

Aclaró que la apertura del gran país norteamericano para los envíos de carne constituye un proceso muy largo, pero el documento que se está preparando, que se enviaría en un mes, constituirá un avance muy importante que nos acercará más a dicho objetivo.

Con relación a otros nuevos países compradores de la carne bovina paraguaya, destacó que Panamá e Irán son los más próximos.

Detalló que los auditores del citado país centroamericano culminaron las inspecciones y para dentro de dos o tres meses se espera la apertura oficial de ese destino para los envíos pecuarios.

Según los datos, el interés inicial de empresarios panameños que visitaron la Expo 2015 es llevar unas 2.000 toneladas de carne por mes.

En relación a Irán, enfatizó que ya es inminente porque el proceso está en etapa final. “El mercado de Irán está prácticamente aprobado y solo se espera la comunicación oficial”, agregó.

Según Senacsa, la exportación de productos y subproductos de origen animal, que incluyen carne vacuna, menudencias, carne de cerdo y de aves, así como subproductos comestibles y no comestibles, desde enero de este año hasta el 31 de junio de este año, incorporaron al país US\$ FOB 648,3 millones, frente a los US\$ FOB 736,5 millones del mismo lapso del 2014, que representa una disminución del 12%.

La rentabilidad de la carne satisface al FMI

28 de Julio de 2015 El Fondo Monetario Internacional (FMI) observa en forma satisfactoria la rentabilidad que demuestra el sector de la producción e industrialización de la carne en Paraguay, manifestó ayer el jefe de estudios regionales del hemisferio Occidental de la institución, Andre Meier.

Casi dos horas se reunió ayer por la tarde el jefe de estudios regionales del hemisferio Occidental del FMI, Andre Meier, con el vicepresidente de la Cámara Paraguaya de la Carne, ingeniero Luis Pettengill, en su local, en Mariano Roque Alonso.

“Nos informarnos sobre la situación productiva y financiera de la industria de la carne en Paraguay, igual lo hicimos con otros sectores de la economía, tales como industria, servicios, agricultura, entre otros, para interiorizarnos de cómo está la situación del país”, explicó Meier.

Destacó que, según los datos proporcionados por la industria frigorífica y la ganadería, los precios internacionales de la carne cayeron levemente y que el hecho incidió levemente sobre el ingreso de divisas al país, pero que no afecta la rentabilidad de esta actividad.

“Los precios de la carne bajaron, pero los márgenes de rentabilidad están sólidos, y entre todos los rubros alimenticios, la carne es la que muestra mayor fortaleza”, agregó. De la reunión también participó el representante senior del FMI en Paraguay, Alejandro Santos.

En la oportunidad, el Ing. Pettengill, explicó que Paraguay faenó en el último periodo 1.900.000 cabezas de ganado, de los cuales unas 400.000 fueron terminadas en sistemas de confinamiento, con granos, aprovechando los bajos precios del maíz y de otros renglones agrícolas.

Explicó que la capacidad de la industria es para unas 2.500.000 cabezas por año y se está proyectando un crecimiento de más de 500.000 cabezas más por año.

Informó que nuestro país exportó en el último periodo unas 400.000 toneladas de carne equivalentes a peso carcaza y detalló que el país cuenta con unas 14,5 millones de cabezas de ganado bovino, y que el costo de producción de la carne, con pasto, es de aproximadamente de 60 centavos de dolar por kilo de peso vivo y que el mayor crecimiento de la actividad se está dando en la región Occidental.

Explicó que la mayor debilidad del sector es que justamente el Chaco, con más de 200.000 kilómetros cuadrados, dispone solamente un poco más de 700 kilómetros de ruta asfaltada, lo limita sacar la producción en tiempos de bonanza (lluvias).



ESTADOS UNIDOS

Estimación del rodeo bovino confirma proceso de retención

27 July 2015 The July Cattle report confirms that U.S. cattle herd inventories are growing. The inventory of all cattle and calves on July 1 was 98.4 million head, up 2.2 percent from last year. The 2015 calf crop is estimated at 34.3 million head, up 1.2 percent from last year. Beef cow numbers were estimated to be up 2.5 percent at 30.5 million head. Beef replacement heifers were pegged at 4.9 million head, up 6.5 percent year over year. Slaughter data and the latest cattle on feed report confirm the herd expansion indicated in the inventory estimates. Beef cow slaughter is down 17 percent and heifer slaughter down 11 percent for the year to date compared to one year ago. The number of heifers on feed in feedlots on July 1 was down 6.9 percent year over year, and is the lowest quarterly heifer on feed inventory since October, 1996.

The dairy cow inventory is estimated at 9.3 million head, up 0.5 percent from last year. The inventory of dairy replacement heifers in the mid-year report is 4.2 million head, up 2.4 percent from one year ago. The increase in dairy cows and dairy replacement heifers is in contrast to the 4.2 percent year over year increase in dairy cow slaughter for the year to date.

The estimated July 1 inventory of steers over 500 pounds was 14.1 million head, up 2.9 percent year over year, while the number of other heifers over 500 pounds was 6.8 million head, down 1.4 percent. The inventory of calves less than 500 pounds was 26.7 million head, up 2.3 percent year over year. The total number of cattle on feed in the U.S. on July 1 was estimated at 12.1 million head, up 1.7 percent from last year. These estimates lead to an estimated July supply of feeder cattle outside feedlots of 35.5 million head, up 1.8 percent from one year ago.

The monthly July Cattle on Feed report shows the inventory of cattle on feed in feedlots with a thousand head or more of capacity to be up 1.9 percent from last year. June placements in feedlots were 0.9 percent higher than last year with June feedlot marketings 5.4 percent below one year ago. In contrast to the quarterly heifer on feed inventory reported in the first paragraph, the inventory of steers on feed was up 7.1 percent year over year, the largest July 1 feedlot inventory of steers since 2006. The year over year increase steers on feed is 461 thousand head, close to the 400 thousand head increase in the estimated inventory of steers over 500 pounds. This suggests that most of the big steers are already in the feedlot. The increase in estimated feeder supply indicates that more feeder cattle are in the pipeline but it appears that the majority of the increase is in "new crop" calves that will be placed late in the year and into next year and will affect 2016 beef production more than 2015 beef production. However, the current feedlot inventory includes a high proportion of steers, including the larger number of heavy weight placements in June, that will finish in the second half of this year. Combined steer and heifer slaughter, down 6.8 percent for the year to date, should close the gap a bit in the last half of the year and will likely be down 4-5 percent for the year.

Feed lots: más señales de retención

Publicado el: 28 julio, 2015 Fuente: Agrotuario Al 1 de julio el número de animales en feedlots en Estados Unidos superó levemente lo previsto por el mercado. El volumen fue 1,4% mayor que un año atrás. El porcentaje de hembras sobre el total fue el menor para esta fecha desde que comenzaron a llevarse registros en 1996.

El USDA informó que al 1 de julio el número de animales en feedlots con capacidad para al menos 1.000 vacunos llegó a 10,2 millones de cabezas. La cifra fue 1,9% superior a un año atrás cuando el mercado esperaba una cifra 1,4% mayor.

Los ingresos a corrales en junio llegaron a 1,48 millones de cabezas, 0,9% por encima de un año atrás cuando el mercado apuntaba a una caída interanual de 0,4%. Las ventas desde los corrales cayeron 5,4% en términos interanuales contra la baja de 4,9% esperada por los analistas.

Del total de animales en feedlots al 1 de julio, el número de vaquillonas y terneras fue de 3,3 millones de cabezas. Esta cifra fue 7% inferior respecto a un año atrás llegando al menor nivel para julio desde que comenzó la serie en 1996

Ganaderos desaconsejan una guerra comercial con Canada y México por el fallo del COOL

TheCattleSite News Desk 28 July 2015 US - The World Trade Organization will soon allow Canada and Mexico to impose over \$3 billion worth of retaliatory tariffs annually on an array of U.S. commodities

Country-of-Origin labeling (COOL) is a mandatory marketing program under USDA originally aimed to push demand for U.S. beef, happens to be unpopular among beef farmers.

According to US National Beef cattlemen's Association (NCBA), recently introduced legislation fails to fix mandatory Country-of-Origin labeling COOL, driving the United States even closer to a trade war with Canada and Mexico. Philip Ellis, National Cattlemen's Beef Association president said: "The ten-year cost



of COOL is over \$8 billion according to the USDA, and we are now facing retaliation by two of our largest trading partners for violating our international trade obligations,”

Canada and Mexico account for over \$1 billion each in U.S. beef purchases. More limited access to these two markets due to tariffs levied under COOL program could cost U.S. cattle producers \$115 to \$120 per animal sold.

NCBA stands firmly on proposal to repeal the COOL program.

Mr. Ellis spoke up on behalf of business community: “This program has been burdensome to cattle producers for over a decade. The beef industry has many successful labeling programs already in place that consumers know, are willing to pay for, and that drive demand for U.S. beef.

“It is unfathomable that some are calling a program that forces our country into a trade war, and has a negative return-on-investment in the millions, a success worth keeping.”

Estudio llegaría a la conclusión de que los consumidores utilizan la información del COOL en el proceso de decisión de compra de carnes

24 July 2015 US - A recent study by the University of Arkansas showed that US consumers were more likely to purchase meat when it was identified as a US product.

The US' National Farmers Union (NFU) President Roger Johnson applauded the release, and urged Congress to respect consumers' right to know where their food comes from by rejecting efforts to repeal Country-of-Origin Labelling (COOL).

The World Trade Organisation (WTO) recently ruled in favour of other countries such as Canada and Mexico, which said that COOL infringed various trade laws and put their products at a disadvantage on the US market. Canada and Mexico may now impose sanctions on the US if they fail to repeal the laws.

“Opponents of COOL have argued that it has no impact on consumers' purchasing decisions,” said Mr Johnson.

“This study clearly shows the opposite: that consumers use COOL to draw inferences related to a food product's safety, taste and freshness.

“NFU urges Congress to reject efforts to repeal the popular labelling law and instead focus on finding a solution to the recent World Trade Organisation (WTO) dispute that maintains the integrity of COOL and continues to provide consumers with information they use to make informed decisions about what they eat.”

The study, written by University of Arkansas marketing researchers, found that COOL provides consumers with additional information that has both direct and indirect effects on purchasing decisions.

“The (COOL) requirement impacts inferred attributes, such that meat products from the US are perceived to be safer, tastier, and fresher than meat products from Mexico,” noted the study.

These attribute inferences, in turn, have differentially positive effects on purchase intentions.” Mr Johnson noted that the US Senate will soon weigh its options for meeting WTO obligations. “As the Senate searches for a path forward for COOL, we urge them to consider this new study that clearly shows US consumers care where their food comes from and that they use COOL to determine where it comes from,” he said. -

USMEF: acceso a CHINA crucial para incrementar exportaciones estadounidenses de carnes

By Philip Seng, president and CEO U.S. Meat Export Federation July 30, 2015 The U.S. red meat industry has achieved outstanding export growth in recent years, enhancing profitability for all members of the supply chain. In 2014, both beef exports (\$7.13 billion) and pork exports (\$6.67 billion) shattered previous records for export value. Beef exports have steadily increased in value in each of the 11 years since global markets began to reopen after the first U.S. case of BSE. For pork, export value has increased in 15 of the past 20 years.

In 2015, several headwinds have made it difficult for the U.S. industry to maintain this positive trajectory. Severe congestion in the West Coast ports – the result of a prolonged labor impasse – impacted our first-quarter results. Unusually large supplies of European pork and Australian beef have poured into key Asian markets, buoyed by favorable exchange rates that make them very attractive to price-sensitive buyers. Key competitors have also achieved gains due to free trade agreements that reduced import duties on their beef and pork products.

These are all important factors affecting U.S. exports, but they are issues over which we have little or no control. The same cannot be said about one of the biggest obstacles U.S. exports currently face – lack of access to China.

China is one of only a handful of international markets that never reopened to U.S. beef following the 2003 BSE case. At that time, and for several years thereafter, China was not a large importer of beef. But that changed dramatically in 2012, when beef import demand in China surged due to strong economic growth and a sharp decline in domestic production. China now imports more beef every month than it did in an



entire calendar year in 2011. In the first half of this year, imports totaled nearly \$910 million – up 28 percent from a year ago.

While the U.S. industry remains on the sidelines, Australia, Uruguay, New Zealand, Argentina and Canada are all gaining a strong foothold in China. Being shut out of the Chinese market also affects the prices U.S. beef cuts command in other Asian destinations, as China has begun to exert significant influence on global beef trade. For the U.S. beef industry, the lost opportunity due to our lack of access to China is currently estimated at more than \$100 per head.

But is there a scientific basis behind China's demands?

Considering that we export to about 100 countries, all of which have determined that U.S. beef is safe, it would be easy to view China's import conditions as overly strict. But a growing number of major beef producing and exporting countries are meeting China's requirements, aware of the market's potential global impact on beef demand. In mid-2014, for example, China began testing beef imports from Australia for hormone residues, citing a hormone ban that had been in place for more than a decade, but had only been sporadically enforced. Australia responded quickly, implementing a certification program to meet China's requirements. In the short term, Australia's exports to China dipped by nearly 50 percent. But that decline was temporary, as Australian producers adjusted and exports to China quickly rebounded.

When Canada confirmed its most recent BSE case in February, the Canadian Food Inspection Agency voluntarily suspended export certificates to China and began consultations with its counterpart agencies in China to restore access. Trade resumed in early April. A similar situation just occurred in Argentina, where trade was suspended due to a finding of vesicular stomatitis (VS) in dairy cattle. Argentine government and industry representatives immediately traveled to China to meet with regulatory officials and reached an agreement to resume trade.

As these examples illustrate, our competitors have learned that the best way to do business with China, as with any customer, is to meet its expectations.

Limited pork access also costly

With regard to U.S. pork, the Chinese market is not entirely closed. The U.S. technically has access for a full range of pork and pork variety meat products (with the exception of processed products), and recently gained access for pork fat. But a significant percentage of U.S. pork production is ineligible to ship to China due to ractopamine use and other factors that conflict with China's import requirements. This has made it very difficult to capitalize on significant growth opportunities in China that have emerged this year due to high domestic prices, and which are presently being captured by European suppliers.

China produces and consumes about half the world's pork. And while it is largely self-sufficient in production, even a small fluctuation in China's need for imported pork can shake up the global market. The U.S. industry has benefitted from these fluctuations in the past – especially in 2011 and 2012, when exports to China were very strong. But with the enforcement of its import requirements and only a small number of U.S. plants being eligible to serve China, we saw a major slowdown in the second half of last year. So far in 2015, exports are down nearly 50 percent from a year ago. In the meantime, EU export volume to China is more than one-third higher year-over-year.

Our lost opportunities in China span a wide range of product categories. China has been an excellent destination for large volumes of ears, feet, stomachs, snouts and other pork offal items, but we are also missing a chance to market pork muscle cuts to China's rapidly growing processing, foodservice and retail sectors.

Similar to the beef complex, China has no lack of suitors who want a piece of its imported pork market. In addition to the EU, Canada and Chile compete aggressively in China and Mexican pork is a recent entrant into the market. Ractopamine is not an issue for suppliers from the EU and Chile (where it is not approved for use), but other competitors are also undeterred by China's demands. Canada, in fact, has created a ractopamine-free verification program that even includes segregation at the cold storage facility level. This is another instance in which exceptional opportunities for export growth carried the day.

Our limited access to China has very negative consequences for U.S. pork producers. When the flow of U.S. pork to China slowed severely late last year, industry analysts estimated that the lost value in pork offal alone was more than \$7 per head – and it is now estimated to be more than \$9 per head. Combine this with lost opportunities for muscle cuts, especially as China's hog prices reach multi-year highs, as well as the impact on the price U.S. pork can command in other markets, and China's influence on producer profitability is substantial.

The case for exports is often made by stating that 95 percent of the world's population lives outside the United States. But this argument is much less compelling when the market that contains nearly 20 percent of the world's population has little or no access to our red meat products, which I believe are the finest and safest in the world. Yes, China's import conditions are stringent, but China is not lacking for suppliers willing to meet its demands. This means the U.S. industry faces some difficult decisions as we look for ways to expand access for U.S. meat in this critically important market.



AUSTRALIA

Precios continuarán firme luego del alcanzar récords

31 July 2015 AUSTRALIA – There is no reason why the current boom in Australian cattle prices should falter, according to market analysts at Meat and Livestock Australia.

The latest forecast from the levy board could see “no single factor” that could counter a continuation of high prices or further increases following an “extraordinary” six months for the market.

Ben Thomas, an analyst with MLA, said Eastern States cattle prices are five per cent higher this year on last year’s records, a feat was exports led.

“The recent demand strength for beef and veal has been all export led,” said Mr Thomas. “There’s not enough cattle in the country to keep up the supply momentum we’ve seen so far.”

The US, Japan and South Korea have all increased shipments from Australia, he added.

Medium cows averaged 47 per cent higher in the first six months of the year than for the same period last year at 375 cents per kilo carcase weight.

“This is with herd rebuilding yet to be a significant factor, which would confirm our tight supply outlook,” Mr Thomas added.

He said an “average at best” weather outlook was informing projections, although new upward pressure would come from better weather and a below average season couldn’t increase cattle available for processing.

Beef Alliance: abogan por acuerdo de libre comercio Transpacífico

TheCattleSite News Desk - 28 July 2015– Cattle industry bodies are negotiating for a beneficial outcome for both producers and supply chain players from the long awaited trans-pacific partnership deal (TPP).

The Five Nations Beef Alliance (FNBA) has said a comprehensive, trade liberalising deal is “vital” and pledged to help the beef industry to “reap the maximum benefits” of future tariff cuts.

Following a meeting in Hawaii this month, the Cattle Council of Australia (CCA), has insisted five years of negotiations cannot be allowed to lose momentum.

The CCA makes up the FNBA along with the National Cattlemen’s Beef Association in the US, the Canadian Cattlemen’s Association, Beef and Lamb New Zealand and the Mexican National Confederation of Livestock Organisations.

A CCA spokesperson said: “The Alliance has been buoyed by positive signals from various TPP governments in recent weeks. “Now is the time to convert this into action - and deliver on the vision of “a comprehensive, next generation regional agreement that liberalizes trade and investment and addresses new and traditional trade issues and 21st century challenges”.

Acuerdo sanitario con CHINA permite exportación de hasta un millón de cabezas

TheCattleSite News Desk - 24 July 2015 - Great opportunities lie ahead for grassfed beef producers across Australia following the recent live cattle protocol signed with China, says the Cattle Council of Australia. Increased farmgate returns and support for over 10,000 industry employees are among the benefits of increased trading with China, said Council president Howard Smith.

The development is a “significant milestone” within the Australian beef industry and gives producers from north and southern Australia access to South East Asia and North Asia.

Mr Smith said recent achievements prove the relationship with China will “continue to build” and was positive about the future.

“With the past year providing excellent opportunities of market access we can only see Australian beef continuing to be a high demand, high quality product across the international market,” he said.

“China continues to be an essential market for Australian beef, having doubled its imports over the past six years.

This protocol demonstrates the commitment from China on maintaining a great relationship for Australian cattle producers. “It is great to acknowledge that although Northern producers in Australia are well established within live trade exports and will benefit from this signing, Southern producers can now diversify their position in live trade” Howard Smith, Cattle Council President stated.”

Fuente: AFP Julio 27, 2015 Los ganaderos australianos se felicitaron de un acuerdo que permitirá exportar hasta un millón de cabezas de ganado australiano hacia China. El ministro de Agricultura Barnaby Joyce anunció el lunes 20 de julio un acuerdo entre las autoridades sanitarias de China y Australia que permitirá empezar a exportar en los próximos meses.

Según el ministro, las exportaciones empezarán con un número reducido de animales pero el objetivo es alcanzar un millón al año, por un valor estimado entre US\$ 740 y US\$ 1.480 millones al año.



El sector agrícola del país recibió positivamente la noticia, después de que a principios de mes el mercado indonesio, vital para los ganaderos Australianos, redujera considerablemente sus importaciones. Australia ya tiene acuerdos de exportación de ganado en pie con Líbano, Bahréin, Egipto, Irán, Camboya y Tailandia.

Acuerdo de libre comercio con CHINA contiene una cláusula de salvaguardia

28 Jul, 2015 CHINA will be able to apply tariffs on some imported fresh and frozen beef when imports reach a trigger point embedded within the China-Australia free trade agreement (ChAFTA).

A safeguard clause in the trade deal could be imposed when import volumes of beef carcasses reach 170,000 tonnes, regardless of China's agreement to phase-out tariffs on imported beef over nine years.

The clarification of the contents of the ChAFTA, struck in 2014, came during a Brisbane hearing of the joint parliamentary committee on treaties on Monday, part of a national series of hearings examining the implementation of the trade deal.

According to agribusiness lawyer Lea Fua, China's safeguard clause allows it to add customs duties to fresh and frozen beef carcasses and meat.

"The concern here is that given the growth in Australian beef exports to China, which has been exponential in the last few years, the risk here is that the trigger will be reached fairly quickly and China is able to apply extra customs duty which appears to be against the spirit of chapter two (of the FTA)," Mr Fua said.

"While there is a review process included in chapter two (of the FTA) to consider removal of the safeguard, this process is not clearly set out.

"The availability of this safeguard to China only is concerning and we recommend (that) a clear process for the removal of the safeguard should be articulated."

Mr Fua is a lawyer with HopgoodGanim, and warned of similar sections of the ChAFTA applied to Chinese imports of Australian milk and cream solids.

Big winners?

News of China's tariff triggers comes only weeks after independent economic modelling of Australia's FTAs with Korea, Japan and China suggested key agricultural export commodities would be big winners due to forecast tariff cuts in areas such as beef and dairy.

The Centre for International Economics (CIE) modelling was released ahead of the formal signing of the ChAFTA in Canberra in June.

Taiwán ofrece oportunidades para carnes grassfed

31 July 2015 – Exports data suggests there is growing demand for Australian grass-fed beef in Taiwan.

Overall beef Australian beef shipments fell 27 per cent during the first six months of the year but the amount of chilled grass-fed beef rose.

Export volumes are down because of US competition and strong demand for Australian beef elsewhere, according to Meat and Livestock Australia (MLA).

MLA stated the five most popular cuts in Taiwan from Australia are manufacturing, shin/shank, blade, carcass and intercostals.

Explaining a negative outlook for future Taiwanese demand, an MLA analyst said: "Looking ahead, recent economic data suggests a slowdown in economic growth in Taiwan from the second half of 2015 which will likely be accompanied by a drop in consumer confidence and slower retail sales growth in 2016 (IMA). This may have a negative impact on overall demand for imported beef."

VARIOS

NUEVA ZELANDIA dejará de utilizar antibióticos en la producción animal hacia 2030

TheCattleSite News Desk 28 July 2015 "By 2030 New Zealand will not need antibiotics for the maintenance of animal health and wellness," said New Zealand Veterinary Association (NZVA) President Dr Steve Merchant.

Around 70 percent of human infectious diseases, including meningitis, anthrax and salmonellosis (food poisoning) have come from animals.

"With sharply increasing levels of resistance to antibiotics worldwide, we want animals and, by extension, humans to enter the 'post-antibiotic' era as safely as possible."

Dr Merchant said this is a significant undertaking, requiring considerable teamwork and commitment from the veterinary profession, working with the medical, scientific, government and relevant primary industry sectors.

He described the prize as "enormous" for New Zealand Inc and the world.

"Given the wide acceptance that the future for antibiotics is limited, and the close links between animals, humans and the environment we share, achieving this goal is essential," Dr Merchant said.



“New Zealand is well suited to this challenge; given our size, proximity of the various specialities and relevant industry sectors, and already low use of antibiotics.”

Examples include:

- Zero use of antibiotics in aquaculture
- New Zealand is the world’s third lowest user of antibiotics on animals
- Increasing focus on animal ‘wellness’
- New Zealand’s grass-based farm management systems.

“These represent a sound platform, and veterinarians’ role at the intersection of animal life, human life and the environment makes ours a logical profession to be taking a lead,” Dr Merchant said.

“Achieving this goal will require a concerted international collaborative effort involving attitudinal and behavioural change across government, research, human health professionals, pharmaceutical companies, and a range of associated industries – as well as the public.”

“Veterinarians will use and advocate for careful antibacterial management and monitoring based on responsible use of existing antibiotics, as we work with our industry partners to jointly test and develop the necessary alternatives.”

EMPRESARIAS

JBS: W. Batista proyecta caída en las exportaciones brasileñas de carnes bovinas en 2015

Fonte: Revista Globo Rural, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 30/07/15 - O presidente global da JBS, Wesley Batista, afirmou que as exportações de carne bovina em 2015 devem ficar muito abaixo do volume reportado no ano anterior. “O segundo semestre deve ser melhor, mas ainda não será um período que possa ser celebrado. Então claramente vamos decrescer as exportações, até por conta da queda no primeiro semestre do ano”, avaliou o CEO da companhia nos bastidores do Salão Internacional da Avicultura e Suinocultura (SIAVS), em São Paulo.

Segundo Batista, os volumes embarcados estão menores este ano porque o Brasil apresentou uma “dependência relevante de mercados que também estão em dificuldade”, tal como Rússia e Venezuela, que reduziram suas compras no início do ano e ainda não retomaram plenamente a sua demanda. “Então teremos um ano bem abaixo do que foi visto no ano passado”, concluiu Batista.

Batista, ressaltou que o Brasil é o país com o maior potencial para aumentar sua produção de proteína. “O Brasil tem uma condição natural para produzir uma proteína super competitiva no mercado internacional”, afirmou o executivo.

Segundo Batista, esse potencial deve permitir que o Brasil se torne líder em bovinos, aves e suínos no futuro. Como exemplo, ele destacou que o Brasil tem mais de 200 milhões de cabeças de gado, contra cerca de 90 milhões de animais nos Estados Unidos, mas produz dois milhões de toneladas de carne bovina a menos anualmente. Em seu discurso, ele destacou que o País precisa aproveitar o início de um novo ciclo, “que é o de aumento expressivo na demanda por comida e, especialmente, proteínas”.

A JBS prevê que a China deve registrar crescimento significativo na demanda destes produtos. Segundo Batista, o país está em um momento de transição. Após décadas de crescimento econômico por meio de investimentos, o governo chinês pretende “migrar o motor de crescimento para o consumo”. Batista ressalta que esse é um diferencial em relação ao Brasil, cuja economia foi impulsionada pela demanda interna nos últimos anos.

A respeito do mercado interno, o CEO ressalta que a JBS está ciente da desaceleração econômica e da deterioração em índices macroeconômicos, mas que está de olho nas perspectivas positivas de médio e longo prazo para o País. Contudo, Batista afirma que o País tem perdido produtividade, o que precisa ser corrigido. “Temos que ganhar mais competitividade. A JBS continua investindo nisso, continua investindo no Brasil”, disse. Batista também ressaltou a importância de insistir na abertura de mercados às carnes brasileiras e elogiou os esforços do Ministério da Agricultura nesta questão nos últimos meses.

A revisão da perspectiva da nota soberana de crédito do Brasil pela Standard & Poor’s (S&P), nessa terça-feira (28/7) “sem dúvida nenhuma não é positiva” para o setor, Batista. A agência de classificação de riscos alterou a perspectiva do rating BBB- do Brasil para negativa, de estável.

Segundo o executivo, o Brasil “tem que tomar cuidado”, pois o ajuste deve ser mais difícil que o esperado inicialmente, com projeções para o Produto Interno Bruto (PIB) sendo cortadas todas as semanas pelo mercado financeiro. “É um caminho desafiador, mas dá para resolver, pois o Brasil tem instituições sólidas”, disse.

“Mas não será fácil, não dá para arrumar sem dor”. O executivo da JBS prevê que o consumo “continuará pressionado” ao longo do ano em virtude das condições macroeconômicas menos favoráveis. Nesse sentido, Batista destaca que a carne bovina deve enfrentar perspectivas mais difíceis que os setores de aves e suínos, que têm se beneficiado com a migração de consumidores para proteínas mais baratas.



Segundo Batista, a JBS, que já fechou cinco fábricas de processamento de carne bovina este ano por causa da vendas mais fracas no atacado e da menor oferta de bois, encerrou por ora o seu ajuste produtivo para enfrentar a desaceleração da economia. "Fizemos um ajuste, uma otimização, e achamos que já saneamos isso. Mas não posso prometer que não haverá mais mudanças se o consumo doméstico e as exportações continuarem desafiadores", disse.

O presidente da JBS também afirmou não esperar dificuldades para a conclusão do acordo de compra da Cargill Pork nos Estados Unidos e que a valorização do dólar beneficia a companhia, uma das maiores exportadoras do País, apesar de deter boa parte de suas dívidas na moeda norte-americana.

JBS no cerraría más establecimientos

Fonte: Reuters 29 de julho de 2015 - Empresa encerrou atividades em cinco plantas frigoríficas desde o começo deste ano alegando oferta limitada de bois e demanda fraca

A JBS, maior produtora global de carnes, não tem planos de realizar fechamentos de unidades de abate de bovinos no Brasil no segundo semestre, após suspender atividades de algumas plantas recentemente por conta da oferta limitada de animais e de uma demanda mais fraca. A companhia desativou cinco frigoríficos de bovinos em 2015.

A informação é do presidente-executivo da companhia, Wesley Batista, que disse, no entanto, que continua monitorando o mercado interno e as exportações.

"Não posso prometer que, se o consumo doméstico continuar piorando e a exportação não reagir, não possa vir nenhum outro ajuste. Em princípio, fizemos o que tínhamos que fazer", afirmou Batista a jornalistas, após participar de um evento do setor de aves e suínos em São Paulo.

Por outro lado, a JBS está "crescendo em aves, suínos e processados (no Brasil), aumentando postos de trabalho", disse o executivo.

Na avaliação do presidente da JBS, a situação de aperto econômico e redução do poder aquisitivo dos consumidores melhora as perspectivas para as vendas de proteínas mais baratas.

"A carne bovina, das três (principais proteínas animais), é a que está mais pressionada. A de frango é o oposto: está se beneficiando da questão do mercado doméstico e das exportações", avaliou.

Levantamento recente da consultoria Agrifatto estimou que 44 plantas de abate de bovinos foram desativadas no país este ano, incluindo todas as empresas do setor.

JBS está entre las siete empresas brasileñas que integran la lista de 500 empresas más grandes del mundo

Fonte: Exame.com, adaptada pela Equipe BeefPoint. 27/07/15 - A JBS está no ranking da revista "Fortune", divulgado nesta quarta-feira (22), que lista as 500 maiores empresas do mundo, levando em consideração as receitas totais das companhias até março de 2015.

A lista possui 7 empresas brasileiras. A maior é a Petrobras, que está em 28º lugar no ranking geral, ainda que tenha acumulado prejuízos de 7,37 bilhões de dólares no último ano fiscal.

As 7 empresas brasileiras da lista são:

- 1) Petrobras – 28º lugar
- 2) Itaú Unibanco – 112º lugar
- 3) Banco do Brasil – 126º lugar
- 4) Bradesco – 185º lugar
- 5) JBS – 202º lugar
- 6) Vale – 312º lugar
- 7) Ultrapar – 414º lugar

Em 2014, a JBS estava na posição de 251º lugar. A companhia teve receitas de US\$ 51,18 bilhões.

McDonald's, Carl's Jr. De EE.UU. se abastecen de carnes australianas

Fonte: Bloomberg, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 27/07/15 A seca na Austrália e o fortalecimento do El Niño estão beneficiando os amantes de hambúrguer dos Estados Unidos. A seca mais disseminada de Queensland já registrada está enviando um número recorde de animais aos confinamentos à medida que os pecuaristas abatem animais no ritmo mais rápido em mais de três décadas. Isso levou a exportações recordes de carne bovina, incluindo mais de 70% de aumento nos envios aos Estados Unidos, mostraram dados do governo, com a maioria dessa carne sendo destinada a se tornar hambúrgueres.

Os Estados Unidos no ano passado passaram o Japão como o maior mercado de exportação da Austrália, enquanto a seca prolongada no Texas viu uma queda de quatro anos na produção de carne bovina americana. As ofertas no mercado americano deverão continuar estreitas à medida que o rebanho se recupera do menor tamanho em seis décadas. Isso tem levado as companhias, incluindo a Chipotle Mexican Grill Inc., a se voltar para a carne bovina australiana.



“Os confinamentos ficaram muito cheios nos últimos 12 meses”, disse o analista do Australia & New Zealand Banking Group Ltd. em Melbourne, Paul Deane. “Tem sido lucrativo ter bovinos em engorda aqui na Austrália e processá-los para vender ao mercado dos Estados Unidos”.

Cerca de 70% da carne bovina australiana enviada aos Estados Unidos são das chamadas carne bovina processada, usadas para fazer hambúrgueres. Os importadores incluem o McDonald's Corp, maior rede de restaurantes do mundo em vendas, e Carrols Restaurant Group Inc., maior franqueada do Burger King. A Chipotle no ano passado disse que estava comprando carne bovina produzida a pasto da Austrália para suprir a demanda, citando a queda do rebanho americano para seu menor tamanho em 60 anos.

A rede de hambúrgueres, Carl's Jr., que pertence a CKE Restaurants Inc., no começo do ano começou a vender hambúrguer natural nos Estados Unidos feito com carne bovina australiana. A carne é de animais criados livremente, que são alimentados com pasto e não recebem antibióticos, disse seu diretor executivo, Andy Puzder.

A Austrália é o maior fornecedor de carne bovina e de vitelo aos Estados Unidos, sendo responsável por 37% das importações no ano passado, mostraram dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). As compras de carne bovina australiana aumentaram em 65% nos primeiros cinco meses de 2015 com relação ao ano anterior, mostraram os dados.

Os abates de bovinos da Austrália podem alcançar 8 milhões pelo terceiro ano consecutivo pela primeira vez desde 1979, de acordo com dados do governo e do Meat and Livestock Australia (MLA). Mais de 80% do maior estado produto, Queensland, está com seca, e pode haver mais liquidação do rebanho se as condições de seca persistirem.

O primeiro El Niño desde 2010 foi turbinado pelos recentes ciclones tropicais no Oceano Pacífico e deverão durar pelo menos até o final do ano, de acordo com Agência de Meteorologia da Austrália. Dos 26 eventos de El Niño ocorridos desde 1900, 17 resultaram em seca na Austrália.

Embora o padrão climático tipicamente traga chuvas abaixo da média no inverno e na primavera no leste da Austrália, as tempestades em junho fizeram os produtores segurarem os animais para venda.

Apesar de as chuvas não terem sido suficientes para melhorar as condições de seca, elas aumentaram a confiança dos compradores, de acordo com o Meat and Livestock Australia (MLA). Embora o MLA preveja um declínio nos abates nesse ano e uma queda de 1,8% na produção de carne bovina e de vitelo, as exportações deverão alcançar recordes em 2015.

Os envios na primeira metade desse ano foram 11% maiores do que em 2014 e os abates foram 3,8% maiores que no ano passado, quando o total do ano foi o maior em pelo menos 36 anos. Mesmo se a produção desacelerar na segunda metade do ano, será maior que no ano passado, disse o presidente da JBS USA LLC, André Nogueira de Souza.

No ritmo atual, a Austrália pode alcançar 85% de sua cota de exportação de carne bovina aos Estados Unidos no meio de agosto, disse o ministro da Agricultura, Barnaby Joyce.

“A demanda global por carne bovina, a crescente classe média alta, o aumento na demanda por produtos premium, os desafios referentes à oferta, particularmente em países como os Estados Unidos, trazem previsões positivas”, disse o diretor executivo do Australian Agricultural Co., maior produtor de carne bovina, Jason Strong.

Pampa Gaucho surge como resultado de acuerdo entre Marfrig y ONG Alianza Pastizal

Fonte: Portal DBO 28 de julho de 2015 - Fruto de parceria entre o frigorífico Marfrig e a ONG Alianza del Pastizal, produto chegará ao mercado neste ano

ano passado, durante a Expointer, a parceria entre o frigorífico Marfrig e a ONG Alianza del Pastizal poderá estar disponível ao público já na edição deste ano da mostra.

A Alianza tem como meta incentivar a produção pecuária sustentável no bioma Pampa tanto do ponto de vista econômico quanto ambiental e reúne produtores que tenham pelo menos 50% da área total composta por campos nativos (pastizales) em bom estado de conservação, além de associações e sindicatos rurais, entidades de pesquisa e instituições de quatro países: Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai.

Nesta primeira etapa, 24 propriedades serão certificadas pela Alianza para fornecer carne de animais das raças Angus e Hereford produzida no Pampa Gaucho ao Marfrig. No entanto, há mais de 100 propriedades cadastradas no Rio Grande do Sul que podem vir a ser fornecedoras da companhia. “Isso agora depende de negociação entre o Marfrig e as propriedades”, salienta Marcelo Fett Pinto, coordenador da Alianza del Pastizal no Brasil. Ele destaca que os consumidores estão cada vez mais interessados em produtos que promovam o bem-estar animal, a preservação do meio ambiente e a valorização da produção local.

Por enquanto, o Marfrig não prevê prêmio ao produtor. “Primeiramente, precisamos diferenciar o produto e buscar melhor remuneração junto ao consumidor”, justifica Mathias Almeida, gerente de Sustentabilidade do Marfrig. Ele informa que o abate inicial será de 150 animais por mês, e o processamento será



concentrado na unidade de Bagé, na região da Campanha. “Até o final do ano, esperamos chegar em 300 animais/mês”, estima.